



# O APELO INTERTEXTUAL COMO ESTRATÉGIA DE DESQUALIFICAÇÃO DO OUTRO EM POLÊMICAS

## THE INTERTEXTUAL APPEAL AS A STRATEGY OF DISQUALIFICATION OF THE OTHER IN POLEMICS

Carlos André Silva Ferreira<sup>1</sup>, Mariza Angélica Paiva Brito<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho surge a partir das discussões realizadas pelo Grupo de Estudos em Linguística Textual da UNILAB (GELT) e pelo do Grupo de Estudo em Linguística Textual da UFC (Protexto/UFC), e integra o projeto de pesquisa intitulado “Argumentação Polêmica em gêneros da mídia digital” (FUNCAP/CNPq, 2019-2020). Utilizando-nos da Teoria da Argumentação no Discurso, como propõe Amossy (2018), e amparando-nos nos métodos analíticos da Linguística Textual, definidos em Cavalcante (2016) e Macedo (2018), apresentaremos as análises de uma interação polêmica, em comentários e respostas veiculados em uma publicação de Guilherme Boulos, em seu perfil oficial no Twitter, associado ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) – candidato à prefeitura de São Paulo em 2020, em contexto pandêmico do Coronavírus. A publicação e os comentários e respostas selecionados são desse período. Analisamos, a partir de levantamentos bibliográficos, como a intertextualidade é acionada para desqualificar a imagem do outro-adversário dentro da polêmica. Seguimos os estudos de Carvalho (2018), sobre intertextualidades amplas e estritas, para identificarmos nos comentários e respostas a utilização de processos intertextuais, como a alusão ampla e estrita, utilizadas como estratégias de desqualificação da imagem do outro. As constatações deste estudo contribuirão para mostrar como os sujeitos podem se utilizar da desqualificação do outro, dentro da modalidade argumentativa polêmica, a partir das estratégias textuais, como a intertextualidade.

**Palavras-chave:** argumentação; linguística textual; intertextualidade; polêmica.

<sup>1</sup> Graduando do curso de Letras – Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB); Bolsista de IC da FUNCAP/BPI. [carlosandre4712@gmail.com](mailto:carlosandre4712@gmail.com) - <https://orcid.org/0000-0001-6092-959X>

<sup>2</sup> Professora Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB); Pesquisadora da FUNCAP/BPI. [marizabrito02@gmail.com](mailto:marizabrito02@gmail.com) - <https://orcid.org/0000-0001-5375-5480>

## ABSTRACT

*The present work arises from the discussions held in the UNILAB's Study Group in Textual Linguistics (GELT), the UFC's Study Group in Textual Linguistics (Protexto/UFC) and by the research project entitled "Polemical Argumentation in digital media genres" (FUNCAP/CNPq, 2019-2020). Using the Argumentation Theory in Discourse, as proposed by Amossy (2018), and supported by the analytical methods of Textual Linguistics, defined in Cavalcante (2016) and Macedo (2018), we will present the analyses of a polemical interaction, in comments/responses conveyed in a publication by Guilherme Boulos, in his official Twitter profile, associated to the Socialism and Freedom Party (PSOL). Boulos was a candidate for mayor of São Paulo in 2020, in a pandemic context of the Coronavirus, the publication and the selected comments/responses are from that period. We analyze, from bibliographical surveys, how intertextuality is used to disqualify the image of the other/adversary within the polemic. We lean on studies about broad and strict intertextualities by Carvalho (2018), to identify in the comments/responses the use of intertextual processes, such as broad and strict allusion, used as strategies to disqualify the other's image. The findings of this study will contribute to show how the subjects can use the disqualification of the other, within the polemical argumentative modality, from textual strategies, such as intertextuality.*

**Keywords:** *argumentation; textual linguistics; polemic; twitter.*

## 1 INTRODUÇÃO

Inicialmente apresentado no evento *Linguistwtees*,<sup>3</sup> da Associação Brasileira de Linguística, em dezembro de 2020, a pesquisa que aqui desenvolvemos teve por objetivo geral analisar como a intertextualidade pode ser acionada para a desqualificação do outro em interações polêmicas no *Twitter*. Especificamente, propomos categorizar as marcas de intertextualidades que são utilizadas por usuários como forma de desqualificação, e descrever esses processos.

Como exemplo, utilizamos os comentários posteriores a uma postagem feita pelo candidato à prefeitura de São Paulo, em 2020, Guilherme Boulos, filiado ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Uma das figuras mais importantes para o movimento de política da esquerda no cenário nacional, Guilherme Boulos perdeu a eleição para Bruno Covas, candidato pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), conhecido como de centro ou centro-direita. Ao final da acirrada disputa por uma das maiores capitais do país, os meios digitais se tornaram um local fértil para a proliferação de debates polêmicos. A pandemia da COVID-19, o isolamento social e as polarizações políticas com as crescentes campanhas contra o atual presidente da república, Jair Messias Bolsonaro (PL), as mídias sociais se tornaram um local propício à exposição de opiniões das mais diversas.

Dito isso, esse trabalho se divide nos seguintes tópicos: o primeiro é essa introdução; o segundo, intitulado *Uma análise textual da argumentação do discurso*, possui a função de apresentar os pilares que possibilitam uma interface entre a Linguística Textual (doravante LT) e a Teoria da Argumentação no Discurso (doravante TAD), de Amossy (2017); o terceiro, *Modalidades*

<sup>3</sup> O evento ocorreu por meio de tweets que os usuários faziam na própria plataforma do *Twitter*. Segue o link para a apresentação: <https://twitter.com/filhedeBeyonce/status/1335331768031981578?s=20>. Acesso em: 3 dez. 2021.

*Argumentativas sob a ótica da Linguística Textual*, mostra como a LT lida com as modalidades argumentativas propostas dentro da TAD; o quarto tópico versa sobre *A modalidade argumentativa polêmica*, discutindo como a LT compreende essa modalidade; o quinto resume *As intertextualidades amplas e estritas*, fundamentadas em Carvalho (2018); o sexto tópico é destinado às análises dos comentários direcionados à publicação de Guilherme Boulos (PSOL), intitulada “*A eleição acabou, mas a louça nunca acaba.*”: *analisando comentários em sua via polêmica* após as eleições para a prefeitura de São Paulo; o sétimo tópico são as considerações finais.

## 2 UMA ANÁLISE TEXTUAL DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO

A investigação da TAD associada aos métodos analíticos da LT tem sido proposta pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Textual da Universidade Federal do Ceará (Protexto) e pelo Grupo de Estudos em Linguística Textual da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, o GELT.

De forma geral, a TAD surgiu da necessidade de redefinir e redimensionar, sob a ótica da Análise do Discurso, as clássicas concepções de argumentação. Normalmente, os estudos que têm o intuito de compreender a argumentação se desenvolvem nos campos da Nova Retórica. Para fundamentar a relação da retórica com a AD, a analista do discurso de linha francesa, Ruth Amossy, publicou o livro *Argumentação no Discurso* (2018), em que apresenta postulados da Retórica, clássica e nova.

Macedo (2018),<sup>4</sup> em sua tese, explicita que várias são as divergências epistemológicas encontradas entre as teorias retóricas e a TAD. Um dos pontos divergentes mais importantes são as diferentes concepções de sujeito que as teorias sustentam. Segundo a autora, a retórica observa o sujeito como um ser soberano, consciente e completamente dono do seu discurso, enquanto na TAD o sujeito é “persuasivo [e] constrangido por fatores de ordem social” (MACEDO, 2018, p. 40), ou seja, ele não é totalmente soberano, como se acredita na Retórica e na Nova Retórica. Uma solução criada para o impasse da compreensão do sujeito foi torná-lo “involuntariamente determinado pela fala social na qual está imerso, mas também [...] estratégico” (MACEDO, 2018, p. 40).

Outro ponto que separava as possibilidades de diálogo entre as duas teorias, retórica e TAD, é que a retórica se define a partir dos pressupostos de Aristóteles e Perelman e Olbrechts-Tyteca, tomando a argumentação e a retórica como termos intercambiáveis, que “designam a arte da persuasão e os meios verbais suscetíveis de levar os espíritos à adesão de uma tese” (MACEDO, 2018, p. 41). Isto é, para os estudiosos da argumentação retórica, a argumentação supõe sempre uma tentativa de estabelecer o acordo, ou o convencimento de uma tese a ponto de estabelecer adesão a ela. Ao passo que a TAD, proposta por Amossy, aceita analisar fenômenos que englobam “todas as modalidades segundo as quais a fala tenta agir no espaço social” (AMOSSY, 2006, p. 3), incluindo os que não visam ao acordo – como é o caso da argumentação polêmica.<sup>5</sup>

Para além dos problemas entre os estudos da(s) retórica(s) e da AD, faz-se mais que necessário observar as contraposições que distanciam a TAD da LT. Partimos da mesma afirmação de Macedo (2018) ao dizer que, de uma forma geral, o campo das Análises dos Discursos (aqui a

<sup>4</sup> Neste trabalho, optamos pela nomenclatura Teoria da Argumentação do Discurso (TAD) em vez de Análise da Argumentação no Discurso (AAD), como se observa no trabalho de Macedo (2018), por entendemos que o empreendimento de Ruth Amossy não corresponde a uma simples forma-metodologia analítica, mas a uma proposta de teorização que coloca a argumentação como constitutiva do discurso. Desse modo, explica-se por que, em algumas citações à tese Macedo (2018), vê-se a abreviatura AAD. Apesar disso, neste estudo, trataremos os dois usos como sinônimos, referindo-se à proposta de Amossy (2017).

<sup>5</sup> Discutiremos a Modalidade Argumentativa Polêmica em um tópico específico mais à frente.

autora engloba as diversas linhas) estudam o discurso a partir do texto. Se ambas as teorias consideram o texto, qual seriam suas “divergências” dentro de suas metodologias analíticas?

Macedo, ao responder a sua própria indagação, parte de duas distinções: a primeira seria que a LT se preocupa “em descrever e compreender as estratégias de textualização pelas quais os interlocutores evidenciam seus propósitos comunicativos” (MACEDO, 2018, p. 48), enquanto a TAD, que segue com os mesmos métodos da AD, utiliza o texto para observar o discurso e não o acontecimento do texto. Já a segunda distinção é que a TAD entende que o texto deve ser observado como um conjunto de enunciados que formam um todo (AMOSSY, 2018), em suma, “uma estrutura superior à frase” (OLIVEIRA, 2020, p. 22), já para a LT o texto é investigado sobre um conjunto de “relações pragmáticas, sociocognitivo-discursivas” e o programa analítico dela está circunscrito metodologicamente a pesquisas descritivas e pesquisas discursivas” (CAVALCANTE, 2016, p. 118).

Superadas algumas das distinções entre as teorias, Macedo (2018) busca refletir sobre os pontos convergentes que possibilitam a aproximação, atestando que ambas, a LT e a TAD, colocam o gênero, que também se torna objeto de estudos das duas, como elemento constituído por formas textuais e discursivas. Dessa forma, podemos entender gênero como um fenômeno textual e discursivo. Com isso, alinhamo-nos à noção de gênero defendida por Bakhtin,<sup>6</sup> como tipos relativamente estáveis de enunciados.

A argumentação, como assume Amossy (2018), se torna parte constitutiva do discurso, sendo ela, também, constitutiva do texto, como diz Cavalcante (2016). Assim, qualquer modalidade argumentativa, apresentada por Amossy (2008), se dá por gêneros, mas é na relação entre textos que as modalidades se efetivam:

**É na dimensão do texto que a argumentação se evidencia.** Se, para Amossy, a argumentação é constitutiva do discurso, penso que, para a LT, é na dimensão das relações de *textualização* que a argumentação se inscreve, em total dependência com as relações de coerência textual. **A argumentação é constitutiva do discurso, mas é no texto que ela se expressa.** (CAVALCANTE, 2016, p. 122, grifo nosso).

Esse pressuposto é corroborado por Oliveira (2020) quando afirma que:

O texto materializa condições sócio-históricas e é por intermédio dos sistemas de gêneros que textualidade e discursividade se unem, mas [...], assim como ‘não há textos sem gênero(s)’ (ADAM, 2017, p. 36), não há gêneros sem textos”, isso implica dizer, portanto, que **o texto não é somente a materialização do discurso, ele igualmente é necessário para sua instauração** (OLIVEIRA, 2020, p. 23, grifo nosso).

Para além das diferentes concepções de texto, as teorias partem de interesses investigativos distintos. Como estamos defendendo uma análise textual e discursivo-argumentativa, fazemos uma investigação textual das estratégias argumentativas.

<sup>6</sup> Oliveira (2020, p. 23) explica que: “Cada enunciado em particular, para Bakhtin (2016, p. 12), é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”.

### 3 MODALIDADES ARGUMENTATIVAS SOB A ÓTICA DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Amossy (2011) propõe analisar as estratégias persuasivas para a negociação em diferentes modalidades argumentativas. Ela ancora sua perspectiva nos postulados da nova retórica e na noção dialógica da língua, para dizer que a argumentação está intrinsecamente ligada ao discurso, dando conta de estender a definição para todos os discursos, incluindo os que não visam ao consenso. Essas crenças em uma noção dialógica da língua e na constitutividade argumentativa dos discursos proposta por Amossy (2011) fazem com que a Linguística Textual se aproxime da TAD.

Assumimos, com Cavalcante (2016), que um texto é sempre pragmática e discursivamente motivado por uma orientação argumentativa podendo haver, entre esses textos, graus diferentes de argumentação, mas, de toda forma, a argumentação está presente. Dessa maneira, se toda forma de manifestação da língua, que visa à comunicação, é elaborada de maneira argumentativa, cremos que a argumentação é parte constitutiva de todo texto.

Essa concepção de argumentação defendida por Amossy (2011) propõe a existência de discursos que são construídos por uma visada argumentativa, mas assume o pressuposto de que todo discurso comporta uma dimensão argumentativa.

Todavia, como assumimos os pressupostos analíticos da Linguística Textual, acreditamos, baseados em estudos posteriores a Amossy, que é no nível do texto que as modalidades argumentativas são diferenciadas. Pereira e Brito (2018, p. 13) dizem que:

Em consonância com Cavalcante (2017), defendemos que a diferença entre *visada argumentativa* e *dimensão argumentativa* cabe ao nível textual, não ao discurso, uma vez que, para a autora, assim como para nós, todo discurso é argumentativo por se contrapor a outros discursos. Portanto, quando Amossy (2011) diz que há “discursos” de visada argumentativa, em que o locutor busca persuadir seu interlocutor, apresentando-lhe uma tese, acreditamos que ela se refere a textos que se constroem em direção a uma opinião central. E, quando a teórica menciona “discursos” de dimensão argumentativa, está se referindo, na verdade, a inúmeros outros textos que não se organizam em torno de uma tese com seus argumentos.

Partindo das contribuições da Linguística Textual, dizemos, então, que os textos que defendem uma tese (como um artigo de opinião, um artigo acadêmico etc.) são chamados de textos com visada argumentativa; mas todos os demais, que não defendem explicitamente uma tese, são considerados textos com dimensão argumentativa. Dentro dessa noção de visada e dimensão argumentativa, Amossy (2011) vai constatar que algumas regularidades condicionam algumas formas de argumentar dentro do discurso. Essas regularidades, Amossy nomeia de modalidades argumentativas.

Antes de explanarmos sobre as modalidades argumentativas, devemos apontar as distinções de discurso monogerido e discurso poligerido. Aqui, com base em Macedo (2018) e em Cavalcante *et al.* (2020), concebemos textos monogeridos como sendo aqueles em que um único locutor gerencia as vozes que se fazem presentes no texto; já os textos poligeridos são aqueles em que as vozes são “livres”, sem haver uma direção de um único locutor, fazendo uma interação dialogal.

Para Amossy (2008), as modalidades argumentativas podem ser distinguidas ao se observarem três pontos: o primeiro seria sobre os papéis que os participantes desempenham; o segundo sobre a maneira como ocorre a tentativa de persuasão – se de forma apaixonada, racional, colabo-

rativa, instrutiva –; e, por fim, o terceiro, pelos modos como o interlocutor vai ser concebido. Assim sendo, a argumentação passa a ser tomada como um *continuum* de modalidades argumentativas:

- a) Modalidade argumentativa demonstrativa é “uma tese apresentada pelo locutor, num discurso monogerido ou poligerido, a um auditório cuja adesão ele quer obter por meio da demonstração razoável, do raciocínio articulado apoiado em provas (AMOSSY, 2018, p. 2).
- b) Modalidade argumentativa pedagógica é quando um locutor se coloca em local social superior e leva à reflexão o auditório, que se tornou, nesse cenário, um aprendiz.
- c) A modalidade patêmica é quando uma tese e um ponto de vista são apresentados ao público de maneira monogerida ou em diálogo, de uma forma que gere sentimentos no auditório, para assim obter uma adesão.
- d) A modalidade argumentativa por coconstrução é efetivada quando um dado problema é apresentado, e um conjunto de participantes discutem para solucionar o impasse.
- e) A modalidade argumentativa negociada é quando os participantes, que sustentam pontos de vistas diferentes, debatem sobre um dado problema na busca de um consenso que solucione a divergência.
- f) A modalidade argumentativa polêmica é uma modalidade argumentativa que se ampara em uma retórica do dissenso, prevendo uma “interação polêmica muito bem argumentada” (AMOSSY, 2017, p. 52).

Amossy aponta a existência de seis modalidades argumentativas, contudo, nosso trabalho, como já se faz sabido, se centra na modalidade argumentativa polêmica. Acreditamos que a autora se dedicou mais à polêmica, criando o livro *Apologia da Polêmica* (2017), pelo caráter de “novidade”, pois ela sai da clássica definição de argumentação como consenso e se insere em um contexto em que se encontra o dissenso.

#### 4 A MODALIDADE ARGUMENTATIVA POLÊMICA

A argumentação polêmica é colocada em um lugar diferente da retórica clássica e nova, como observa Amossy (2017), pois estas entendem que há, na interação argumentativa, uma negociação de diferentes polos que visam chegar a um acordo, isto é, um consenso. A polêmica, dentro desse quadro, em que se forma um diálogo que não busca o acordo, deve ser amparada pela retórica do dissenso. Dessa forma, Amossy (2017, p. 45) propõe repensar as “definições eruditas, que expulsam a polêmica do campo da argumentação e a colocam sob os únicos auspícios da batalha, da paixão e da violência”.

A polêmica pensada pela autora em nada se compara com a noção de polêmica que é tratada e entendida pela maioria das pessoas. Para romper com os antigos pensamentos sobre polêmica, Amossy (2017) realiza um levantamento dos estudos que se debruçaram em torno do tema, para reivindicar uma noção de polêmica como “um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios das sociedades mais ou menos importantes numa cultura” (AMOSSY, 2017, p. 49). Oliveira (2020), a partir de Amossy (2017), explica que:

Quando fala em modalidade, Amossy (2008) ressalta que se trata de uma estrutura que determina modos de empreendimento de persuasão. Tais estruturas são atravessadas pelas imposições dos quadros genéricos e do contexto discursivo

como um todo, os quais modelam o funcionamento da argumentação. Desse modo, a polêmica constitui-se em uma modalidade na qual há uma “confrontação violenta entre teses antagônicas, duas instâncias em total desacordo tentam obter a convicção [...] do Terceiro que os escuta, atacando as teses adversárias e desacreditando o opositor” (AMOSSY, 2008, p. 237 *apud* OLIVEIRA, 2020, p. 43).

Oliveira (2020) observa que, assim como as outras modalidades argumentativas, a polêmica possui uma estrutura argumentativa que, ao contrário das outras, não visa, primordialmente, a um acordo. Uma das marcas da polêmica é o fato de ela, obrigatoriamente, ser sobre um assunto público, uma questão de interesse das pessoas de uma sociedade em uma dada cultura, “para que ela não seja uma simples discussão, uma disputa entre particulares” (AMOSSY, 2017, p. 46).

Uma outra característica é a sua efemeridade. Por se tratar de uma disputa em que não se visa ao acordo, a interação polêmica se inicia, mas rapidamente ela pode acabar, sem precisar que os participantes encerrem “formalmente” as suas falas. O que constatamos, nos estudos desenvolvidos por Brito (2018) e Maia e Brito (2019), é que é necessário fazer uma distinção entre questão polêmica e interação polêmica. Segundo as autoras:

A questão polêmica diz respeito a temas sociais que por si só despertam o confronto entre discursos antagônicos, como na polêmica, que, necessariamente, envolva um assunto de interesse público. [...] As questões polêmicas referem-se aos temas sociais mais amplos como o feminismo, racismo, a política, dentre outros, enquanto a polêmica concerne a acontecimentos específicos e irrepetíveis, inserida em contexto sócio histórico, disso advém seu caráter efêmero. Deste modo, acreditamos que as questões polêmicas subjazem a todas as tentativas de reacender e atualizar as polêmicas no espaço público (PEREIRA; BRITO, 2020, p. 11).

Para descrever a polêmica, Amossy (2017) demonstra que em toda interação polêmica se cria uma dicotomização, uma polarização e uma desqualificação do outro, e de forma secundária – entendendo que nem sempre será possível – uma violência verbal. Além dessas características, a polêmica, assim como as outras modalidades argumentativas, apresenta uma estrutura em que certos papéis sociais são exercidos: o de Proponente, o de Oponente e o de Terceiro.

O Proponente é aquele que defende uma tese; o Oponente é aquele que não concorda com a tese proposta e se posiciona em confronto; e o Terceiro é aquele que assiste ao debate, mas que ainda não tomou uma posição perante as teses apresentadas. A polêmica se constrói nessa interação entre Proponente e Oponente, que tentam persuadir um terceiro a tomar uma posição em favor de um dos lados. Com isso, como aponta Brito (2018), se estabelece uma montagem teatral, pois a polêmica só se efetiva a partir do momento em que os atores sociais se posicionam e estabelecem seus papéis de Proponente, Oponente e Terceiro, tal como em uma peça de teatro.

Sobre a dicotomização, ela supõe um embate de discursos distintos, causando uma “*dicotomização* na qual duas opções antitéticas se excluem mutuamente” (AMOSSY, 2017, p. 53, grifo da autora). Há na sociedade questões dicotômicas que são pertinentes em debates polêmicos: racismo-supremacia branca, feminismo-machismo, religiosidade-ciência, entre outros. Essa característica é uma das causas que dificultam a busca por acordo, pois ela instaura uma divisão em que se torna quase impossível o consenso ou o acordo entre os participantes, os quais apelam para uma tomada “de lado” do Terceiro, pois se instaura um diálogo em que os argumentos não são voltados para persuadir o Oponente, mas o Terceiro.

A polarização, podendo também ser chamada de divisão social, é reconhecida pela disputa entre “nós” contra “eles”. Todavia, vale ressaltar que não se trata de pessoas, mas de uma estrutura

actacional composta pelos Proponentes, Oponentes e Terceiros. Essa estrutura de polarização não é uma forma presa, ela se configura conforme a diversidade das pessoas que participam do debate. Segundo Oliveira (2020):

[...] Um grupo, em determinado momento, pode estar configurado com participantes em defesa de uma determinada tese sobre um determinado assunto. No entanto, quando se trata de outra questão, essa configuração não necessariamente será a mesma – tendo em vista a diversificação das pessoas acerca de suas crenças e julgamentos (OLIVEIRA, 2020, p. 44).

Dessa forma, a polarização, para Amossy (2017), ajuda a consolidar os grupos e cria uma disputa acirrada em que o adversário precisará ser combatido de todas as formas, inclusive pela sua desqualificação. Sobre a desqualificação do outro, ela é compreendida neste trabalho como uma estratégia de fazer com que os argumentos do Oponente percam o valor por meio da desqualificação da imagem do indivíduo ou do grupo que compartilha da tese, fazendo com que o Terceiro sinta, segundo Amossy (2017), medo e ao mesmo tempo ódio do Oponente, que se torna um objeto de reprovação.

Conforme Amossy (2017), a desqualificação do outro é um resultado dos dois processos que também são constitutivos da argumentação polêmica, ou seja, a desqualificação do outro advém da dicotomização e da polarização. A autora aponta que a polarização que cria um movimento de reagrupamento também é responsável pela fortificação da identidade do grupo, que se cria a partir de uma pejoração do grupo. Dessa forma, o grupo alcança um inimigo comum, e sua principal meta é de o descredibilizar.

Devemos salientar que essa descredibilização do adversário é uma estratégia argumentativa, uma vez que, segundo Amossy (2017, p. 59), o adversário é aquele que precisa ser privado de toda possibilidade de exercer legitimidade. Ou seja, o descrédito lançado à sua imagem anula a força dos seus argumentos. Em suma, ao descredibilizar seu adversário, seus argumentos são simultaneamente descredibilizados. E isso só é possível porque, na modalidade argumentativa polêmica, o alvo argumentativo é o Terceiro, como já mencionado. Nesse sentido, entendemos que a desqualificação é uma forma argumentativa que se lança ao adversário, na tentativa, como diz Amossy (2017), de reduzi-lo, a ponto de silenciá-lo ou até excluí-lo do diálogo. A partir disso, passamos a discutir sobre os processos intertextuais, uma vez que acreditamos que a desqualificação do outro pode ocorrer através deles.

## 5 ARGUMENTAÇÃO E INTERTEXTUALIDADES AMPLAS E ESTRITAS

Concebemos a intertextualidade como uma ferramenta utilizada para diversas finalidades durante a construção de sentido de um texto. Assumimos, a partir de Carvalho (2018, p. 84, grifo nosso), que os fenômenos intertextuais podem desempenhar diversas funções, mas todas elas serão transpassadas pela argumentatividade. Assim, ela explica: “Não nos escapa o fato que há uma **função argumentativa subjacente aos recursos intertextuais**, por meio da qual se constrói(em) determinado(s) sentido(s), a fim de atingir certo(s) propósito(s) discursivo(s)”. Em suma, nossa busca, dentro das análises, é identificar se a estratégia argumentativa de desqualificação do outro, durante uma interação polêmica no *Twitter*, pode ser desempenhada a partir de fenômenos intertextuais.

Os estudos sobre intertextualidades e agrupamento de formas intertextuais são extensos dentro dos estudos da linguagem, como na Literatura e na Linguística. Desde as postulações de



Bakhtin (1895-1975), encontramos estudos que tentam explicar a relação de textos que são inseridos em outros textos. Encontramos na tese de Carvalho (2018), *Sobre intertextualidades estritas e amplas*, uma proposta muito relevante de abranger as clássicas definições sobre intertextualidades, possibilitando pensar em outras formas textuais de análise do fenômeno.

A intenção da autora não é negar ou excluir os estudos anteriores sobre o fenômeno, mas sim, reagrupar as clássicas definições, possibilitando abranger o fenômeno a outros contextos de produção. Assim, Carvalho propõe que podemos englobar as intertextualidades em duas formas, que podem ser entendidas como:

- i) **estrita**, dadas pela inserção efetiva de parte(s) de um texto em outro ou pela transformação/derivação de um texto específico ou de partes dele em outro texto
- e ii) **amplas**, dadas pela retomada não de um texto específico em outro, mas por uma marcação menos facilmente apreensível, porque mais difusa e relativa a conjunto de textos, verificada por indícios atinentes à forma composicional de um padrão de gênero; ao estilo de um autor deduzido de vários de seus textos ou de uma temática particular divulgada por diversos textos (CARVALHO, 2018, p. 81, grifos nossos).

Portanto, para Carvalho (2018), a intertextualidade pode se dar por meio de textos que remetem a outro específico e a textos que remetem a vários outros textos. Para além dessa nova forma de se observar os fenômenos intertextuais, a autora explica que a presença de uma das formas não exclui a possibilidade de elas coexistirem no mesmo texto. Vejamos o exemplo a seguir.

Exemplo 1 – O "S" no seu peito



Fonte: Twitter do perfil @Dc\_da\_depressao. Disponível em: [https://twitter.com/dc\\_da\\_depressao/status/1243509560075341824](https://twitter.com/dc_da_depressao/status/1243509560075341824). Acesso em: 10 ago. 2021.

Na imagem acima encontramos um exemplo do que seria um texto com intertextualidades amplas e estritas. O meme, retirado de uma publicação no *Twitter* do usuário @Dc\_da\_depressao, faz uso de elementos intertextuais estritos, quando a imagem faz uma alusão estrita ao Super-Homem, que é facilmente reconhecida pelo leitor, tanto pela figura do ator Herry Cavill, que interpretou o personagem no filme “O homem de aço”, de 2013, quanto pela especificação, na parte verbal da imagem, da letra “S” em seu uniforme, que é uma marca bem característica do personagem desde as revistas em quadrinhos até seus filmes nos cinemas.

Já a alusão ampla se dá pela reformulação do sentido da letra “S” em seu uniforme, que, segundo o meme, passa a ser de “Stay Home”, traduzida para “Fique em casa”. Acreditamos tratar-se de uma intertextualidade ampla, pois não remete a um texto específico, mas a vários textos e campanhas de “fique em casa”, que surgiram durante a pandemia da COVID-19. Considerando que a imagem surgiu em 2020, o leitor, situado nesse momento histórico de pandemia e de isolamento social, pode recuperar facilmente o sentido empregado, mas isso não diz que ele se refere a um texto específico.

Assim, concordamos com Carvalho (2018, p. 82) que as intertextualidades podem se dar de forma mais abrangente, não apenas em textos específicos. A pesquisadora também assume que as intertextualidades se fazem presentes pelas diversas formas de se remeter a outro(s) texto(s), podendo ser por meio de “estruturas fonológicas, estruturas sintáticas, ao gênero, ao estilo, à temática, dentre outras”.

Carvalho (2018) explica que há subdivisões para as intertextualidades. As estritas se subdividem em copresença (citação; alusão estrita; paráfrase) e derivação (paródia; transposição), já as amplas são manifestadas em três situações: “i) pela imitação de parâmetros de gênero, ii) pela imitação do estilo de autor, iii) pelas alusões a textos não particulares.”

As intertextualidades estritas são feitas como forma de remissão a textos específicos e recuperáveis. Começando pela copresença, que ocorre quando um texto se repete em outro, teremos a seguinte divisão:

- a) Citação: considerada como a intertextualidade mais explícita, em que rapidamente se recupera o texto-fonte. Comumente marcada e literal, ou seja, sempre ficará explícito que aquele texto é de outro. A autora realça que há casos em que acontece uma ausência de marca. Em determinadas culturas, o texto-fonte é tão amplamente conhecido, que se permite a não marcação, como, por exemplo, passagens bíblicas que são famosas.
- b) Alusão estrita: caracteriza-se por insinuações ou menções a um outro texto específico de forma indireta. Essa forma, segundo Carvalho (2018, p. 86), exige mais atenção para que se dê a (re)construção do sentido desejado. Pode ocorrer por “remissão indireta, incorporando-sutilmente; apresenta modificações formais no texto a que recorre; ou realizar-se por expressões referenciais ou, ainda, mencionar título, personagens, nome de autor etc.”
- c) Paráfrase: é uma reformulação em determinada medida de um texto-fonte. Portanto, há, nesse processo, uma transformação na forma com a busca pela permanência do conteúdo original.

Já a relação de derivação é definida por um texto inteiro que se origina a partir de outro texto inteiro. Nela, encontramos a seguinte divisão:

- a) Paródia: é caracterizada por um texto que transforma o seu texto-fonte, causando desvios de forma ou conteúdo. Carvalho (2018) salienta que esse fenômeno abarca total e qualquer

transformação humorística que se distancia do texto-fonte, desde as mais sutis até uma transformação do estilo do texto original, rebaixando-o a um estilo mais vulgar. Isso ocorre porque a principal característica desse fenômeno é seu caráter humorístico, que se cria para fins diversos.

- b) Transposição: em comparação com a paródia, o fenômeno de transposição ocorre quando há transformação do texto-fonte sem o traço humorístico. Para isso, Carvalho (2018) assume como transposição qualquer alteração dentro do texto inteiro, preservando-se, na medida do possível, a essência que liga ao texto-fonte.

Saindo do campo das intertextualidades estritas, a autora nos apresenta as suas divisões para as intertextualidades amplas, que seriam a remissão a textos que circulam em uma determinada cultura, sem que seja possível afirmar um texto-fonte. Para isso, ela define três situações em que acontecem as intertextualidades amplas e que podem ser reconhecidas ou não pelos interlocutores.

- i. Imitação de gênero: ampliando as concepções de estudos como o de Genette, Carvalho propõe que outras formas de intertextualidades podem ser recuperadas, que não dizem respeito a um único texto específico, mas em uma série recorrente de inúmeros outros. Seria o caso de uma retomada de parâmetros de gêneros.
- ii. Imitação de estilo de autor: assim como para a imitação de gênero, há uma abstração de um estilo de autor em que não se pode recorrer a um único texto, mas a um conjunto de textos que remetem a um(a) autor(a). Essa imitação também é ampla e engloba expressões de uma determinada pessoa, tonalidade, formas de organização textual etc. Carvalho se sustenta em Fiorin (2016, p. 51) – que tem por base os estudos bakhtinianos – para definir estilo como o “conjunto de particularidades discursivas e textuais, que criam uma imagem do autor, que é o que denominamos efeitos de individualidade”.
- iii. Alusão ampla: uma menção não específica a um texto, mas a um conjunto de textos ou situações compartilhadas em uma dada cultura, que se manifestam por diversos textos.

## 6 “A ELEIÇÃO ACABOU, MAS A LOUÇA NUNCA ACABA.”: ANALISANDO COMENTÁRIOS EM POLÊMICAS

Cabe aqui ressaltarmos que a modalidade argumentativa polêmica sempre é sobre uma questão de interesse público em uma dada cultura. Isso justifica a escolha de nosso exemplário. Analisamos os comentários-respostas de usuários do *Twitter* em uma publicação de Guilherme Boulos, candidato à prefeitura de São Paulo em 2020. O candidato iniciou a vida política dentro do Movimento Sem Terra (MST), causa que ainda leva em seus planos de gestão.

A publicação do candidato é do dia 01 de dezembro de 2020, dois dias após o resultado do segundo turno das eleições em São Paulo, quando foi derrotado, com pouco mais de quarenta por cento (40%) dos votos. O tuíte é composto por um vídeo, supostamente gravado por sua esposa, em que Boulos aparece lavando as louças em uma pia, cantando e sorridente. Além do vídeo, a frase “Acabou a eleição, mas a louça nunca acaba”.

## Exemplo 2 – Publicação de Guilherme Boulos no Twitter



Fonte: *Twitter*. Perfil de Guilherme Boulos. Disponível em: <https://twitter.com/guilhermeoulos/status/1333896779025289226?s=21>. Acesso em: 4 jan. 2021.

Na publicação em si, não há nenhuma polêmica explícita, ou convocação a um debate. Contudo, a simples publicação de um candidato, assumidamente de esquerda, fez com que algumas questões polêmicas fossem reavivadas, ou, como diz Brito (2018), atualizadas. Dessa forma, analisaremos uma sequência de comentários-respostas vinculadas a essa publicação, a fim de constatar a intertextualidade e como ela é acionada durante o confronto entre o Proponente e o Oponente. O primeiro comentário-resposta é de um apoiador de Boulos, que, de forma amigável, elogia sua campanha e assume que nenhuma pessoa que votou nele está arrependida. Entretanto, cria-se um debate nas respostas dessa publicação. Vejamos:

Devemos notar que esse primeiro comentário-resposta, do Usuário 1, que consideramos como uma alusão ampla, remete a uma discussão social entre eleitores da esquerda contra os eleitores da direita. “Não conheço um eleitor do Boulos que esteja arrependido [...]” retoma o argumento de que os eleitores do atual presidente da república, Jair Bolsonaro

Imagem 3 – Comentários relacionados à publicação



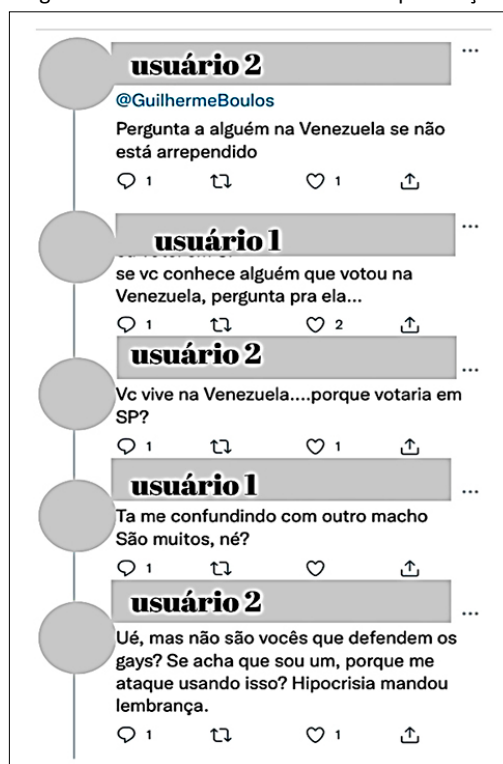
Fonte: *Twitter*. Perfil de Guilherme Boulos. Disponível em: [https://twitter.com/milena\\_blessed/status/1333901452666933250?s=20](https://twitter.com/milena_blessed/status/1333901452666933250?s=20). Acesso em: 4 jan. 2021.

(PL), autodeclarado como de extrema direita, estão arrependidos de seus votos. Esse gatilho inflama uma questão polêmica que é sensível dentro da realidade atual da sociedade brasileira e faz com que outros comentários, em resposta a este, exponham a dicotomização entre aqueles que são considerados de direita, eleitores do presidente da república, contra os apoiadores de Boulos, os considerados de esquerda. Começamos, então, a encontrar, dentro dos comentários-respostas, uma série de declarações, sempre expondo a dicotomização entre as ditas ideias de esquerda e de direita, polarizando os grupos-indivíduos que estão assumindo os papéis de Proponente e Oponente.

Em uma primeira resposta, um usuário diz “Pergunta alguém da Venezuela se não está arrependido”. A “Venezuela” é uma forma de alusão ampla, uma vez que retorna a diversos outros textos-discursos, usados por eleitores do presidente Jair Bolsonaro. Os venezuelanos, dentro das discussões políticas brasileiras, são acionados como exemplo negativo pelos apoiadores da direita, pois para eles o país vive uma ditadura comunista de esquerda.

Em resposta, a Oponente diz: “se vc conhece alguém que votou na Venezuela, pergunte para ela...”. O Proponente, então, rebate o comentário anterior: “Vc vive na Venezuela... porque votaria em SP?”. Como tentativa de desqualificar a imagem dele, o Oponente diz “Ta me confundindo com outro macho (.) São muitos, né?”, deixando implícito que o usuário é gay. Mais uma vez, como forma de desqualificação, o Proponente questiona as pautas que são defendidas por eleitores da esquerda: “Ué, não são vocês que defendem os gays? Se acha que sou um, porque me ataque usando isso? Hipocrisia mandou lembranças”. Dessa forma, perante os internautas, os apoiadores de Boulos não merecem crédito, pois eles contradizem suas próprias convicções.

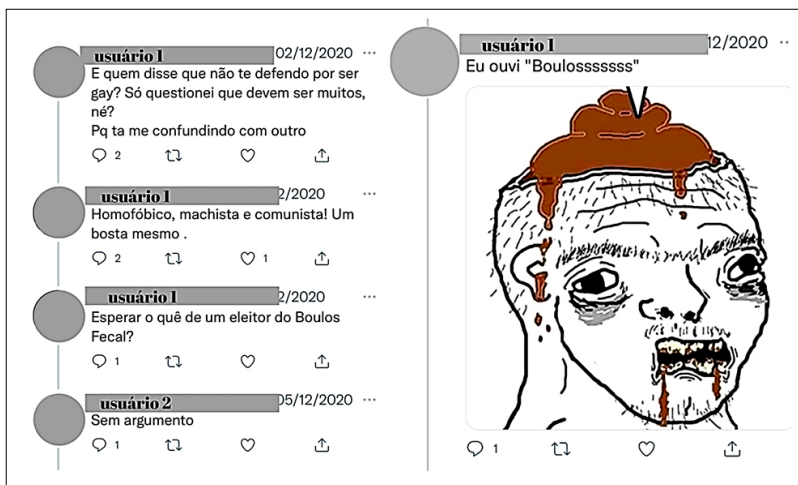
Imagem 4 – Comentários relacionados à publicação



Fonte: *Twitter*. Perfil de Guilherme Boulos. Disponível em: [https://twitter.com/milena\\_blessed/status/1333901452666933250?s=20](https://twitter.com/milena_blessed/status/1333901452666933250?s=20). Acesso em: 4 jan. 2021.

Imagem 5 – Comentários relacionados à publicação

Fonte: *Twitter*. Perfil de Guilherme Boulos. Disponível em: [https://twitter.com/milena\\_blessed/status/1333901452666933250?s=20](https://twitter.com/milena_blessed/status/1333901452666933250?s=20). Acesso em: 4 jan. 2021.



O confronto continua e, como forma de preservar sua imagem e as pautas levantadas pelos partidos de esquerda, um internauta diz: “Quem disse que não te defendo por ser gay? Só questionei por que devem ser muitos, né? Pq ta me confundindo com outro”. Vemos nesta fala, além de uma tentativa de preservar sua imagem perante os terceiros, uma desqualificação do usuário, uma vez que fica implícita a ideia de que se relacionar com vários homens é uma característica dos gays, tornando-os pessoas que não possuem moral. Seguindo o raciocínio do Oponente, o seu Proponente é gay e, como os gays se relacionam com vários homens, logo o usuário se relaciona com vários homens, o que o tornaria não confiável.

Como resposta ao comentário anterior, e deixando explícito o ataque à imagem do adversário, o Oponente publica dois comentários, que dizem: “Homofobico, machista e comunista! Um bosta mesmo.” “Esperar o quê de um eleitor do Boulos Fecal?”. Mais uma vez há uma alusão ampla sendo feita, desta vez quando o usuário chama o Oponente de “comunista”, ele está remetendo a diversos outros textos que estão no imaginário da população de direita, que consideram os esquerdistas-comunistas como o verme do país,<sup>7</sup> afirmando, por vezes, que se afiliam aos ideais de Hitler.<sup>8</sup>

A discussão não se finda, e os usuários continuam a dialogar. O Oponente publica que, para tal violência, está “Sem argumentos”. Devemos lembrar Amossy (2017, p. 60), que diz que, quando o Proponente desqualifica a imagem do Oponente, ele também considera “o Oponente um inimigo e tentar reduzi-lo ao silêncio, até mesmo excluí-lo do diálogo”. Nesse exemplo, de interação polêmica, o Oponente conseguiu reduzir o Proponente ao silêncio. Mesmo assim, a discussão não cessa e é reavivada com a publicação de mais um tuíte pelo Oponente, que diz: “Eu ouvi “Boulossssss”. Esse texto é acompanhado de uma imagem que mostra um homem com fezes na cabeça. Tanto pela forma gráfica com que se escreve a palavra boulos e com o som que produzimos ao lermos, quanto pela imagem que acompanha o comentário, entendemos que se trata de uma comparação ao som de fezes caindo, no caso, na cabeça dos eleitores de Guilherme Boulos.

Além disso, como forma de provocar o seu Oponente (usuário 2), o Proponente publica (usuário 1), em mais um novo comentário, um GIF de uma laranja com a cara de Guilherme Boulos. Esse recurso imagético, do GIF, se constitui como mais uma alusão ampla. Nessa situação, a alusão remete a diversos outros textos que dizem que “laranjas” são pessoas que emprestam seus nomes,

Imagem 6 – Comentários relacionados à publicação



Fonte: Twitter. Perfil de Guilherme Boulos. Disponível em: [https://twitter.com/milena\\_blessed/status/1333901452666933250?s=20](https://twitter.com/milena_blessed/status/1333901452666933250?s=20). Acesso em: 4 jan. 2021.

<sup>7</sup> O presidente Jair Bolsonaro, em uma de suas transmissões ao vivo, disse que os eleitores de esquerda não tomam Ivermectina, medicamento sugerido por ele para o tratamento da COVID-19, pois o produto mata o verme que eles são. Matéria completa disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/05/20/interna\\_politica,1268736/bolsonaro-esquerda-nao-toma-ivermectina-pois-mata-o-verme-que-eles-sao.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/05/20/interna_politica,1268736/bolsonaro-esquerda-nao-toma-ivermectina-pois-mata-o-verme-que-eles-sao.shtml). Acesso em: 28 jul. 2021.

<sup>8</sup> Ao ser indagado se concordava com a fala de seu ministro, que em viagem a Israel afirmou que o nazismo era um movimento de esquerda, o presidente Jair Bolsonaro afirma que sem dúvidas os nazistas eram de esquerda. Matéria completa disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/02/bolsonaro-diz-nao-haver-duvida-de-que-nazismo-era-de-esquerda.ghtml>. Acesso em: 28 jul. 2021.

documentos ou contas bancárias para fazerem transações financeiras fraudulentas. Cabe destacar que esse é um argumento muito utilizado por apoiadores da esquerda, devido às diversas investigações que apontam relações ilícitas entre os filhos do presidente e outros membros da política de direita. Assim sendo, o Proponente busca ressignificar os ataques, afirmando que são os membros da política de esquerda que cometem crimes políticos.

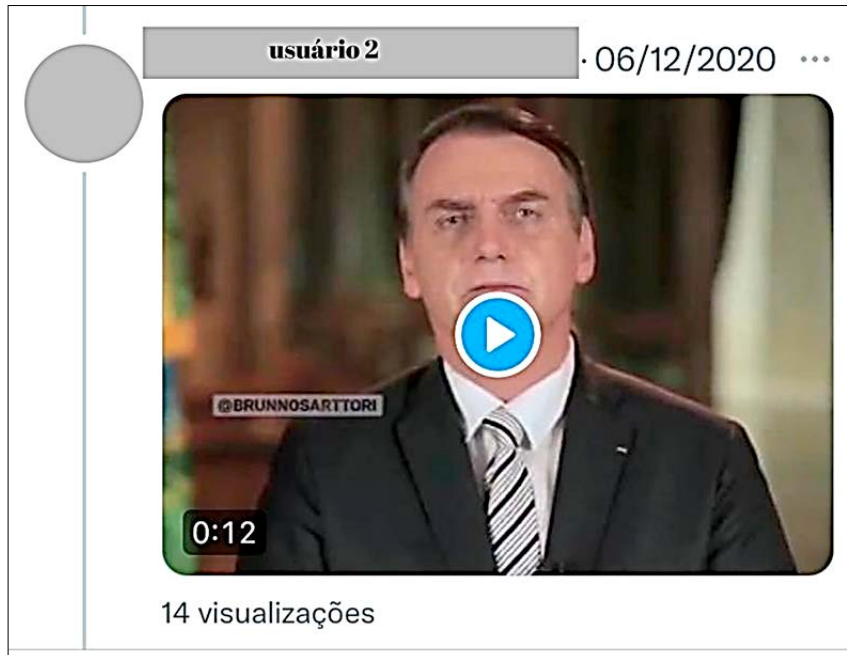


Imagem 7 – Comentários relacionados à publicação  
Fonte: *Twitter*. Perfil de Guilherme Boulos. Disponível em: [https://twitter.com/milena\\_blessed/status/1333901452666933250?s=20](https://twitter.com/milena_blessed/status/1333901452666933250?s=20). Acesso em: 4 jan. 2021.

Como forma de voltar ao debate, o usuário, apoiador de Boulos, publica um vídeo em que apresenta o presidente Bolsonaro cantando a música “Admirável gado novo”, composta e interpretada por Zé Ramalho. A letra da canção, em que Bolsonaro aparece cantando, como montagem, diz: “Êh, oê, vida de gado. Povo marcado, eh Povo feliz”. Essa estratégia argumentativa é totalmente pensada em torno da intertextualidade. A imagem do presidente é utilizada no vídeo, como forma de alusão estrita, como se ele fosse fazer um pronunciamento formal, contudo, quando damos *play*, vemos que se trata de uma montagem feita por programas de computadores, estratégia chamada de *deepfake*. A utilização da música de Zé Ramalho é uma forma de alusão ampla, uma vez que retoma também diversos discursos da política de esquerda.

Imagem 8 – Bolsonaro cantando Admirável Gado Novo  
Fonte: Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=J\\_gixZdrzcs](https://www.youtube.com/watch?v=J_gixZdrzcs). Acesso em: 16 ago. 2021.



Nos últimos anos, após a posse do presidente em 2018, diversos problemas vêm acompanhando a gestão de Jair Bolsonaro. Muitos dos seus eleitores ainda defendem suas escolhas, mesmo quando elas acarretam diversas consequências graves ao país. A título de exemplo, durante o ápice da pandemia da COVID-19 no Brasil, o presidente chegou a negar diversos *e-mails* de fabricantes de vacinas contra o vírus. Fatos como esse, e diversos outros, fizeram com que a esquerda brasileira chamasse de gado os eleitores que não se arrependiam do voto durante as eleições de 2018. No imaginário da população, o gado, que apenas se preocupa em pastar, apoia seu fazendeiro, mesmo que ele saiba que no final se tornará comida. Vê-se, então, uma forma de desqualificação do outro, feita por meio de uma nítida alusão ampla que retoma toda essa discussão, mostrando que o Proponente é apenas um “gado de Bolsonaro”.

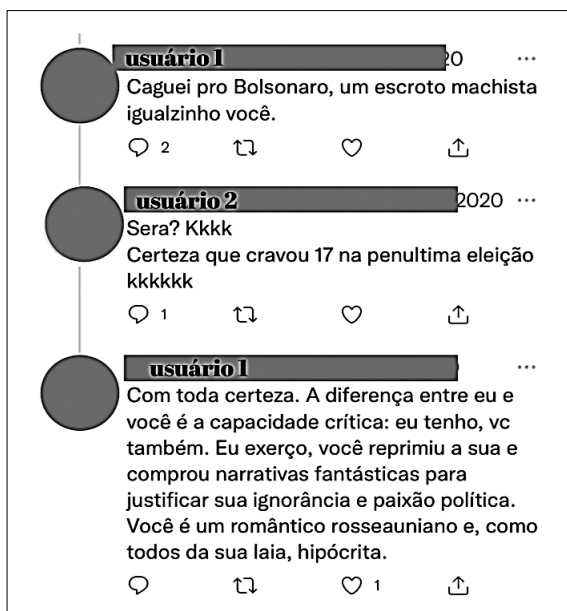


Imagem 9 – Comentários relacionados à publicação

Fonte: *Twitter*. Perfil de Guilherme Boulos. Disponível em: [https://twitter.com/milena\\_blessed/status/1333901452666933250?s=20](https://twitter.com/milena_blessed/status/1333901452666933250?s=20). Acesso em: 4 jan. 2021.

Em busca de não se filiar à imagem de eleitor do presidente, o Proponente (usuário 1) diz: “Caguei pro Bolsonaro, um escroto machista igualzinho a você”. Com isso, podemos retornar às características da polêmica, quando Amossy (2017) descreve a polarização, que também chamamos de grupos sociais, ela relembra que não se trata de grupos fechados, que não podem transitar em outros grupos. O Proponente, que visivelmente é contra a esquerda-comunista e que carrega marcas muito semelhantes às dos discursos do presidente, se apresenta como um não apoiador dele e, em uma nova tentativa de desqualificação, associa o presidente a um machista e compara-o a seu Oponente, afirmando que ambos são iguais.

Seguimos com mais um comentário do Oponente (usuário 2), que tenta, novamente, associar o seu Proponente com a imagem de eleitor do Bolsonaro, quando diz, em sua resposta: “Será? kkkk Certeza cravou 17 nas penúltimas eleições kkkkk”. Por fim, em uma última postagem, reafirmando a efemeridade das discussões polêmicas, o Proponente (usuário 1) pública: “Com toda a certeza. A diferença entre eu e você é a capacidade crítica: eu tenho e você também. Eu exerço, você reprimiu a sua e comprou narrativas fantásticas para justificar sua ignorância e paixão política. Você é um romântico rousseauiano e, como todos da sua laia, hipócrita”. Assim se encerra o embate polêmico, de forma efêmera e sem finalizações formais entre os usuários. A publicação de



Boulos foi feita dia 01 de dezembro de 2020, o último comentário que encerra o debate foi feito em 07 de janeiro de 2021, até o momento de minha coleta.

Nos últimos anos, interações como esta, que acabamos de analisar, em espaços digitais, são cada vez mais comuns. O contexto de distanciamento social, causado pela COVID-19, sem dúvida, potencializou e contribuiu para um vasto campo de discussões polêmicas. As redes sociais, como uma nova forma possível de interação dentro desse contexto pandêmico, se tornam um lugar fértil para acomodar calorosos debates. Nossa intenção foi apresentar, de forma sucinta, um exemplo que retiramos da imensidão de outros exemplos que há nesta publicação, como em diversas outras.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A plataforma *Twitter*, com a possibilidade de comentários-respostas em vídeos, GIFs e *links*, é um local bastante propício para o emprego de processos intertextuais, principalmente dentro dessas novas interações *on-line*, em que uma das intenções é a busca por visualização e destaque. Ademais, a impossibilidade de encontros físicos, devido ao distanciamento social da COVID-19, intensificou os debates polêmicos, que, desde o surgimento das redes sociais, vinham acontecendo. Confrontos como esses, apresentados no exemplo, já se tornaram comuns e rotineiros na vida de qualquer pessoa que utiliza o *Twitter*.

Sobre a utilização da intertextualidade para a desqualificação do outro na modalidade argumentativa polêmica, ficou nítido que os usuários se utilizam desse processo textual como forma de descredibilizar o seu Oponente perante a imagem do Terceiro. Reafirmamos, assim, a ideia de que a intertextualidade é “um recurso que, embora não essencial, confere criatividade e potencial argumentativo à textualização” (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p. 105). Mostramos que a modalidade polêmica só se efetiva através do diálogo entre textos e, com isso, reafirmamos a hipótese de que a modalidade argumentativa polêmica nasce das relações intertextuais.

Dentro do nosso exemplo, a alusão ampla foi a mais recorrente, sendo utilizada pelos participantes da interação por diversas vezes, de forma consciente ou não, todavia, ressaltamos que se trata de uma pesquisa em que foi retirado um exemplo de milhares de outros que circulam dentro desse ambiente digital. Por isso as possibilidades investigativas sobre os processos intertextuais como forma de desqualificação do outro não se encerram em uma única análise.

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.

AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, R. É possível integrar a argumentação na análise do discurso? Problemas e desafios. *ReVel*, edição especial, v. 14, n. 12, p. 165-190, 2016.

AMOSSY, R. Argumentação e análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. *EID&A*, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, nov. 2011.

AMOSSY, R. O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. *Filosofia e Linguística Portuguesa*, n. 9, p. 121-146, 2007.

BRITO, M. A. P. *A atualização da polêmica nos comentários das notícias*. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ARGUMENTAÇÃO E POLÊMICA. Auditório Instituto Ágora. Natal: CCHLA, 2018.

BRITO, M. A. P.; CUSTÓDIO FILHO, V. *Marcas referenciais como estratégias argumentativas na atualização da polêmica*. Comunicação oral apresentada no Abralín em cena. Piauí, 2018.

CARVALHO, A. P. L. de. *Sobre intertextualidades estritas e amplas*. 2018. 136 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

CAVALCANTE, M. M. *et al. Linguística textual e argumentação*. São Paulo: Pontes Editores, 2020.

CAVALCANTE, M. M. Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. *ReVEL*, ed. especial, v. 14, p. 106-124, 2016.

CAVALCANTE, M. M. Por uma análise argumentativa na Linguística Textual. In: VITALE, M. A.; PIRIS, E. L.; CARIZZO, A. E.; AZEVEDO, I. C. M. (org.). *Estudios sobre discurso y argmentación*. Coimbra: Grácio Editor, 2019. p. 319-338.

CAVALCANTE, M. M.; FARIA, M. das G. dos S.; CARVALHO, A. P. de L. Sobre intertextualidades estritas e amplas. *Revista de Letras*, v. 2, n. 36, fev. 2018.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; CUSTÓDIO FILHO, V.; SILVA, V. V. Desafios da linguística textual no Brasil. *Intersecções*, Jundiá, v. 18, n. 1, p. 7-25, fev. 2016.

MACEDO, P. S. A. de. *Análise da argumentação no discurso: uma perspectiva textual*. 2018. 245 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MAIA, B. S. R. *A atualização da polêmica racial nas postagens dos novos espaços virtuais de socialização*. 2019. 114 f. Dissertação (Mestrado em Humanidades) – Mestrado Interdisciplinar em Humanidades, Pró-Reitoria de Graduação, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2019.

OLIVEIRA, R. L. de. *Uma análise textual do Pathos em polêmica*. 2020. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

PEREIRA, D. K. de S.; BRITO, M. A. P. Interação polêmica nos comentários da página do Facebook “Quebrando o tabu”. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 1-21, maio/ago. 2020.

### Sites

[https://twitter.com/dc\\_da\\_depressao/status/1243509560075341824](https://twitter.com/dc_da_depressao/status/1243509560075341824). Acesso em: 10 ago. 2021.

<https://twitter.com/guilhermeboulos/status/1333896779025289226?s=21>. Acesso em: 4 jan. 2021.

[https://twitter.com/milena\\_blessed/status/1333901452666933250?s=20](https://twitter.com/milena_blessed/status/1333901452666933250?s=20). Acesso em: 4 jan. 2021.

<https://twitter.com/filhedeBeyonce/status/1335331768031981578?s=20>. Acesso em: 3 dez. 2021.

[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/05/20/interna\\_politica,1268736/bolsonaro-esquerda-nao-toma-ivermectina-pois-mata-o-verme-que-eles-sao.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/05/20/interna_politica,1268736/bolsonaro-esquerda-nao-toma-ivermectina-pois-mata-o-verme-que-eles-sao.shtml). Acesso em: 28 jul. 2021.

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/02/bolsonaro-diz-nao-haver-duvida-de-que-nazismo-era-de-esquerda.ghtml>. Acesso em: 28 jul. 2021.